

# A escrita quotidiana como património etnográfico na Terra de Miranda: o exemplo de António Maria Mourinho

La escritura cotidiana como patrimonio etnográfico de la Terra  
de Miranda: el ejemplo de António Maria Mourinho

Popular writing as ethnographic heritage of Terra de Miranda:  
the example of António Maria Mourinho

MARIA OLINDA RODRIGUES SANTANA  
*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*

## RESUMO

Neste artigo estabelece-se uma relação entre os escritos quotidianos (registros escritos, sonoros, fotográficos, impressos) produzidos e recebidos durante mais de 60 anos pelo pesquisador mirandês António Maria Mourinho (1917-1996) e as experiências etnográficas marcadas nessa escrita. O autor produziu uma pesquisa interdisciplinar no campo das ciências humanas e sociais, e projetou a língua e cultura mirandesas ao nível nacional e internacional. Os resultados da pesquisa e da difusão da sua língua materna serviram para resgatar do esquecimento e a perda do mirandês, e contribuíram para o reconhecimento dos direitos lingüísticos dos mirandeses, em 1999, ao ser inscrita a língua mirandesa no quadro das línguas minoritárias europeias, como valor lingüístico-cultural a ser preservado.

PALAVRAS CHAVE: escritura cotidiana, etnografia, língua mirandesa.

## RESUMEN

En el presente texto hago una relación de la escritura cotidiana (registros escritos, sonoros, fotográficos, impresos), producida y recibida durante más de 60 años, por el investigador mirandés António Maria Mourinho (1917-1996), uniendo esa escritura a las experiencias etnográficas impresas en ella. El autor produjo una investigación multidisciplinar en el ámbito de las Ciencias Humanas y Sociales y proyectó la lengua y la cultura mirandesa a nivel nacional e internacional. Su investigación y la divulgación conseguida sobre su lengua materna sirvieron para rescatar al mirandés del olvido y abandono, llevando al reconocimiento de los derechos lingüísticos de los mirandeses, en 1999, e inscribiendo a la lengua mirandesa en el cuadro de las lenguas minoritarias europeas, bellezas lingüístico-culturales a cultivar y a preservar.

PALABRAS CLAVE: escritura cotidiana, etnografia, lengua mirandesa

ABSTRACT

UIn this paper I establish a connection among popular writing (written and sound records, photographs, prints) produced and received, for over 60 years, by the Mirandese researcher António Maria Mourinho (1917-1996), combining those writings with the ethnographic experience engraved on it. The author has produced a multidisciplinary research in the humanities and social sciences and projected the Mirandese language and culture nationally and internationally. His research and dissemination of his native language served to rescue the Mirandese language near the end of its existence, leading to the recognition of the linguistic rights of the Mirandese people in 1999 and registering the Mirandese language within Europe's minority languages, linguistic and cultural vital aspects that need to be cultivated and preserved.

KEYWORDS: Popular writing, ethnography, Mirandese language.

0. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

António Maria Mourinho, o maior obreiro da oficialização da língua mirandesa (Lei 7/99 de 29.1, Diário da República de 24 de Janeiro de 1999, 1 série-A, p. 574), teve a preocupação, durante seis décadas, de salvaguardar e estudar as várias áreas do saber humano (língua, história, coreografia, etnografia, cultura, literatura) que permitissem provar a especificidade da língua e da cultura mirandesas no seio da língua e cultura dominantes: portuguesas. A sua recolha sistemática e apurada investigação produziram significativa escrita popular custodiada no seu Arquivo Pessoal, em Miranda do Douro.

Os seus escritos quotidianos, os seus registos audiovisuais e os seus registos fotográficos facultaram a cristalização das tradições etnográficas da Terra de Miranda, em vias de desaparecimento no seu tempo. Foi graças ao seu labor etnográfico, coreográfico, histórico, linguístico, literário, cultural levado a cabo incessantemente pelo autor, durante 60 anos, que o mirandês inscreveu o seu nome no quadro das línguas minoritárias europeias, alfobres linguístico-culturais a preservar.

1. ARQUIVO PESSOAL DE ANTÓNIO MARIA MOURINHO

António Maria Mourinho, um “erudito local”<sup>2</sup> da Terra de Miranda, nasceu em 1917, em Sendim (Miranda do Douro), e faleceu em Lisboa em 1996. Este

<sup>1</sup> Neste texto, aplico o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

<sup>2</sup> GARCÍA DE LORENZANA, Francisco. “Conjurar el olvido. Archivos de la Memoria Popular”. En Antonio CASTILLO GÓMEZ (ed.). *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Oiartzun: Sendoa, 2001, pp. 191-206.

“mirandês rural”, como ele próprio se apodava, preocupou-se, durante quase toda a sua existência, por um lado, em acumular e guardar os seus múltiplos registos escritos (manuscritos, datiloscritos, provas tipográficas revistas, obras editadas); registos sonoros e visuais e, por outro, em os legar a uma instituição que os tratasse, os preservasse e os divulgasse junto das gerações futuras<sup>3</sup>. O autor doou ao Município de Miranda do Douro, em 1993, todo o seu legado através de uma escritura registada no Cartório Notarial Privativo da Câmara de Miranda do Douro com o n.º 12/93 de Junho desse mesmo ano. O Arquivo foi produzido durante cerca de 60 anos, sensivelmente desde a década de 30 à década de 90 do século XX. Reúne uma grande massa de manuscritos, de datiloscritos e de textos impressos do próprio autor, para além de uma biblioteca, um arquivo fotográfico e um arquivo sonoro. Os datiloscritos são, talvez, os documentos mais abundantes no seu Arquivo, porque Mourinho era um homem do seu tempo – naquela época não havia computadores pessoais, apenas máquinas de escrever – e ele apreciava passar ou mandar passar os seus manuscritos à máquina. O seu Arquivo é muito rico e variado em fotografia a preto e branco e a cores, uma vez que António Mourinho era, também, um fotógrafo amador e tinha o cuidado de registar em película todos os momentos das suas inúmeras actividades (padre, professor, investigador, coreógrafo, dinamizador cultural, etc.) e múltiplas pesquisas. Possui, de igual modo, uma grande massa documental de recortes de jornais, relativos, no essencial, às actuações do *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas e Cércio*, criado pelo autor em 1942 e oficializado em 1945, mas também recortes respeitantes às suas múltiplas pesquisas nas várias áreas do saber. Produziu material fonográfico (cassetes analógicas editadas, cassetes analógicas gravadas e bobines de fita magnética) com as músicas mirandesas, as canções tradicionais, as orações, os ensalmos, cantados pelos seus familiares e conterrâneos mirandeses.

O autor mirandês teve o cuidado de arquivar tudo quanto dizia respeito à história, à etnografia, à língua, à coreografia, à arte da sua Terra e de, sempre que possível, passar para o papel os seus achados e investigações, deixando todas as suas recolhas e estudos gravados numa imensa obra para a posteridade. O seu singular legado permitiu a criação de um Arquivo Pessoal e de um Centro de Estudos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais: o *Centro de Estudos António Maria Mourinho* (CEAMM)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Na sua obra: *Curriculum Vitae (notas culturais) de António Maria Mourinho 1942-1995*, declara isso mesmo: “Que estas notas parcas e humildes tenham ao menos o mérito de poderem ser observadas pelos que crescem para a vida, e por ela continuem a investigar e estudar a história, a cultura e a língua desta terra que é legítima e inesgotável nos seus parâmetros, e digna de amor e carinho”, p. 62.

<sup>4</sup> Trata-se de um centro de investigação e extensão universitária na área das Ciências Humanas e Sociais. Foi criado em 2004, através de um protocolo estabelecido entre o Município de Miranda do Douro e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. A investigadora Olinda Santana, Professora Associada e Agregada na UTAD, assegura a coordenação científica e técnica, a direção do Centro é da responsabilidade do Presidente do Município de Miranda, Dr. Artur Nunes.

O Arquivo Pessoal de António Maria Mourinho ou Supersistema de Informação Pessoal António Maria Mourinho (SIPAMM)<sup>5</sup> –adotando uma teoria arquivística recente disponível em Portugal– é um arquivo de um “erudito local” da Terra de Miranda, nordeste de Portugal. Não sendo um arquivo extraordinário em termos quantitativos, é um arquivo singular no domínio da arquivística portuguesa. Uma vez que Mourinho deveria ter construído um Arquivo Familiar, pois, como qualquer outro indivíduo, fez parte de uma família, estabeleceu vínculos muito próximos com os seus familiares, sobretudo, com a mãe, os irmãos e os sobrinhos, e, mais tarde, com a esposa. Contraiu matrimónio, em 1984, aos 67 anos. Estes factos teriam potenciado a criação de um Arquivo Familiar, mas o autor, conscientemente, quis criar um Arquivo Pessoal, tendo retirado do seu arquivo quase toda a documentação familiar, muito pouca fugiu ao seu crivo. A sua intenção era a de deixar para a posteridade o Arquivo Pessoal do maior obreiro da língua e cultura mirandesas e verbaliza-a em vários escritos, nomeadamente, no seu *Curriculum Vitae*<sup>6</sup>.

Se a curiosidade pelo mirandês cresceu, no século XX, foi graças ao reconhecimento do trabalho de recolha, de estudo e de divulgação da língua, história, coreografia e cultura mirandesas realizado por Mourinho. Foi este “homem teimoso, sacerdote não só da Igreja católica como da própria Cultura Mirandesa”<sup>7</sup> e, também, o engenho político de um deputado socialista mirandês, Júlio Meirinhos, que conduziram à oficialização da língua mirandesa. No ano de 1999, a Assembleia da República portuguesa reconhecia –por unanimidade, na intitulada lei *Reconhecimento Oficial dos Direitos Linguísticos da comunidade mirandesa*<sup>8</sup>– o “direito a cultivar e a promover a língua mirandesa”, passando, desde esse momento, a ser preservada e protegida. O referido ponto de chegada só foi possível com

<sup>5</sup> Supersistema é um termo recuperado à teoria saussureana de Ferdinand de Saussure criador da Linguística Sincrónica e designa um conjunto de sistemas, ao qual a mais recente teoria arquivística praticada em Portugal, associa os conhecimentos da Teoria da Informação, criando um modelo sistémico e interativo. Seguimos este modelo aplicado, entre outros, por Armando Malheiro Silva em várias obras. SILVA, Armando Malheiro. “Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interativo”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Ciências e Técnicas do Património*. Porto, 3, 2004, pp. 55-84; Idem. “Arquivos e bibliotecas da vinha e do vinho no Douro: aplicação teórico-prática de um modelo científico e sistémico”. *Douro Estudos & Documentos*, 2004, volume I, (17), (Ano 9), pp. 239-271; SILVA, Armando Malheiro; GONÇALVES, Maria Fernanda Silva. “Da memória ao acesso à Informação na Casa de Mateus: as bases e objectivos de um projecto sistémico”. *Revista de Letras*, 2007, II, n.º 6, 2007, pp. 305-317.

<sup>6</sup> *Curriculum Vitae (notas culturais) de António Maria Mourinho 1942-1995*. Bragança: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1995.

<sup>7</sup> Excerto retirado do texto da conferência do escritor José Viale Moutinho, intitulada “António Maria Mourinho – uma vida pelo mirandês”, proferida no *I Simpósio Internacional da Língua, Literatura e Cultura Mirandesas*, 16 e 17 de Novembro de 2000, Aula Magna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, integrado na *II Quinzena da Ciência e Tecnologia* 13 a 24 de Novembro de 2000.

<sup>8</sup> Lei 7/99 de 29.1, Diário da República de 24 de Janeiro de 1999, 1 série-A, p. 574.

a extensa e variada obra linguística, histórica, etnográfica, cultural do erudito mirandês.

O seu Supersistema de Informação Pessoal (SIPAMM) custodia toda a escrita quotidiana produzida no decurso das suas múltiplas funções, ocupações e atividades<sup>9</sup> (estudante, professor, padre, presidente da Junta de Freguesia de Duas Igrejas, investigador, animador cultural, escritor, diretor do Museu da Terra de Miranda, político). Estas atividades deram origem a um Supersistema composto por quatro sistemas ou arquivos: o Sistema Arquivístico; o Sistema Fotográfico; o Sistema Sonoro; o Sistema Bibliográfico. Toda a sua pesquisa ficou registada em processos completos respeitantes do quadro da tradição editorial. Numa primeira fase, o autor produzia manuscritos, numa segunda fase, tornava esses escritos em datiloscritos acompanhados por imagens fotográficas e, muitas vezes, por registos fonográficos. Numa fase ulterior, os datiloscritos passavam a documentos impressos, guardando o autor as provas tipográficas revistas dos seus textos, antes destes chegarem à publicação final. Por fim, acondicionava as obras publicadas na sua biblioteca. Os artigos avulsos, as separatas e algumas obras específicas (*Nossa Alma I Nossa Tierra*<sup>10</sup>) foram ainda compilados e mandados encadernar em volumes únicos pelo autor, para as integrar na sua biblioteca. A formação humanística, filológica de Mourinho levou-o a guardar o quadro de tradição editorial de todos os seus trabalhos, ou seja, as várias fases da escrita à mão até à publicação. É precisamente a existência do quadro de tradição editorial dos vários textos que torna o seu arquivo ou Supersistema tão singular no domínio da arquivística portuguesa. Ademais, em Portugal, poucos autores constituíram quatro arquivos ou sistemas em simultâneo, como Mourinho. Quase todos os arquivos pessoais e familiares custodiam documentação arquivística, bibliográfica e fotográfica, mas são raros os que possuem também um Arquivo Sonoro. O autor criou um Sistema Sonoro completo<sup>11</sup> e representativo da oralidade mirandesa e, simultaneamente, dos “repertórios da oralidade ibérica em que se inscreve”<sup>12</sup>. O seu acervo fonográfico torna o seu Supersistema de Informação Pessoal ímpar. Para além disso, existe ainda uma forte ligação temática entre os quatro sistemas do Supersistema. Apresentamos, a

<sup>9</sup> Consulte-se a obra de SANTANA, Maria Olinda Rodrigues; COSTA, Ana Lúcia Pereira. *Guia do Arquivo António Maria Mourinho*. Miranda do Douro: CEAMM / Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2006.

<sup>10</sup> MOURINHO, António Maria. *Nossa Alma I Nossa Tierra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1961.

<sup>11</sup> O Sistema Sonoro do Supersistema de Informação Pessoal de António Maria Mourinho (SIPAMM) foi inventariado e tratado por Mário Correia, no “Centro de Música Tradicional Sons da Terra”, em Sendim, Miranda do Douro. Foi igualmente publicada uma obra de SANTANA, Olinda; MORAIS, Domingos; CORREIA, Mário. *De boca em boca sons e palavras de Miranda: António Maria Mourinho* (Miranda do Douro: CEAMM, SONS DA TERRA, Centro de Música Tradicional, 2010), onde se faz uma análise da totalidade do Supersistema e em particular do Sistema Sonoro. A obra contém um disco compacto com mais de três centenas de composições do Sistema Sonoro de António Maria Mourinho

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*, p. 35.

seguir, o esquema representativo da lógica de integração sistémica do SIPAMM, que idealizámos, para mostrar a circularidade informacional e temática dos quatro sistemas ou arquivos.

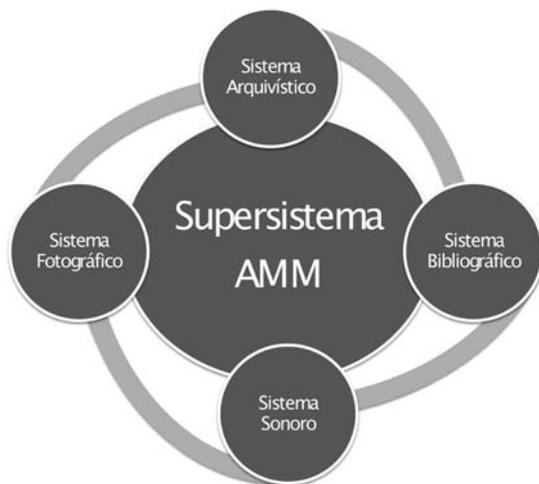


Fig. 1. *Esquema representativo da lógica de integração sistémica do SIPAMM.*

É chegado o momento de analisar a presença da escrita quotidiana no Supersistema de Informação António Maria Mourinho (SIPAMM).

## 1. ESCRITA QUOTIDIANA NO SIPAMM

Mourinho foi um investigador multidisciplinar; estudou a história, a literatura oral, a língua, a cultura, a etnografia mirandesas, entre outros saberes, como teremos oportunidade de mostrar mais à frente. Foi ainda coreógrafo, museógrafo, dinamizador cultural. Em 1945, oficializou o *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas e Cêrcio*, nas Comemorações do 4.º centenário da elevação de Miranda a Cidade. Foi, de igual modo, fundador da Associação Cultural intitulada *Resurgimento Mirandês*, aprovada no Governo Civil de Bragança, em 27 de Agosto de 1945, juntamente com o conselheiro António Carlos Alves e Mário Simão. Um dos objetivos do mencionado movimento era o de “fundar um museu” onde se recolhessem e conservassem os objetos “históricos, arqueológicos, de arte e indústrias regionais”, como é mencionado na alínea d) do Artigo 1.º dos Estatutos da citada Associação. Foi com base na ideia-mestra de criar um museu etnográfico da

Terra de Miranda que o autor projetou, pesquisou e acumulou um significativo acervo etnográfico do mundo rural mirandês, que já começava a esboroar-se, no seu tempo. O *Museu da Terra de Miranda* começou a ser idealizado em 1945, como dissemos, mas só foi criado oficialmente em 1982. O *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas* –outra das suas grandes obras– começou as suas atividades em 1942, foi oficializado em 1945, tendo conseguido uma projeção à escala global, antes e depois da obtenção do *Prémio Europeu de Arte Popular* em 1981, prémio esse que trouxe o reconhecimento internacional –ao trabalho multidisciplinar de recolha da poesia oral mirandesa, do romanceiro, das canções, das coreografias diversificadas, dos instrumentos musicais, dos trajos e adornos– a um homem e uma terra singulares.

No Supersistema de Informação Pessoal de António Maria Mourinho (SIPAMM), encontram-se dois filões de escrita quotidiana: um, proveniente da toda recolha, inventariação e estudo das tradições etnográficas, linguísticas, históricas, culturais da Terra de Miranda; outro, produzido no âmbito do *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas*. Mourinho acumulou toda a documentação produzida por ele –pois guardava cópias de tudo o que escrevia e enviava– e toda a documentação recebida enquanto diretor e agente do *Grupo*. Portanto, fez consciente e cuidadosamente o Arquivo do *Grupo* e simultaneamente o seu próprio Arquivo. O seu Supersistema de Informação Pessoal, para além de conter quatro sistemas (Arquivístico, Fotográfico, Sonoro, Bibliográfico), contém ainda um subsistema arquivístico completo e autónomo: o do *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas*. No SIPAMM, guardam-se 50 anos da história do mencionado *Grupo*, gravada pelo seu produtor de 1942 a 1992.

António Mourinho, durante toda a sua vida, procurou entesourar o seu quotidiano, arquivar o seu “eu”<sup>13</sup>, ou melhor, os seus “eus” de pároco, de investigador, de professor, de dinamizador cultural, de etnógrafo, coreógrafo, de museógrafo. A sua vontade em construir e legar uma imagem de intelectual levou-o a joear a documentação por si produzida e a deixar, apenas, aquela que o retratava como um erudito reconhecido e admirado. Esta opção pessoal de depreciar a documentação mais íntima, mais pessoal, era, no fundo, a corrente vigente na sua época. Muito poucos seriam aqueles que atribuíam alguma importância aos papéis insignificantes do dia-a-dia. Portugal, no período salazarista, apresentava, como é consabido, um altíssimo índice de analfabetização, e, ao mesmo tempo, a escassa intelectualidade existente cultivava uma camuflagem de todos os aspectos relacionados com a intimidade, com a pessoalidade, até pelo simples receio dos detalhes íntimos poderem ter uma leitura política, censurada pelo poder autoritário. Logo, era perfeitamente natural que Mourinho –um pároco de aldeia rural formatado no modelo

<sup>13</sup> ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a Própria Vida”. *Estudos Históricos. Revista História Contemporânea*, 1998, 21, p. 3. Tradução de Dora ROCHA.

educacional e religioso tradicional inculcado pelo regime salazarista— mostrasse a preocupação em esconder o íntimo, o pessoal, o mais secreto de si. Não guardou com cuidado as correspondências privadas trocadas com a mãe, os sobrinhos, e, mais tarde, com a esposa. No seu Arquivo, encontram-se meia dúzia de cartas pessoais avulsas, porque a maior parte da correspondência mais íntima foi retirada por ele do seu acervo. Contrariamente, acautelou a correspondência que ele próprio nomeou de “cultural”, ou seja, várias correspondências trocadas com intelectuais portugueses (Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal<sup>14</sup>; Professor Joaquim dos Santos Júnior).

### 2.1. *As correspondências*

As correspondências guardadas no Supersistema de Informação Pessoal de Mourinho são, sobretudo, correspondências trocadas com intelectuais e académicos reputados da sua época, ou seja, de quase todo o século XX. O autor guardou carinhosamente a correspondência trocada com Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, o seu grande Mestre e preparou, inclusivamente, a editoração dessa correspondência. Essa epistolografia foi recentemente editada<sup>15</sup>, porquanto, por circunstâncias desconhecidas, o autor não a conseguiu publicar em vida. Guardou outras correspondências, por exemplo, a correspondência permutada, durante cerca de 40 anos, com o investigador e antropólogo da Universidade do Porto, Professor Doutor Joaquim dos Santos Júnior.

Protegeu, ainda, muita outra correspondência avulsa remetida por destacáveis figuras, dos círculos da cultura e das artes do Estado Novo (Francisco Lage, Manuel Henriques da Silva, B. Júdice da Costa), todos eles dirigentes no Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo. Manteve, também, troca epistolar com ilustres professores estrangeiros (D. Ramón Menendez Pidal, D. Vicente T. Mendonza, Guisepe Carlo Rossi); com filólogos, literatos, historiadores portugueses ou radicados em Portugal (Hernâni Cidade, Lindley Cintra, Joaquim Veríssimo Serrão, Joseph Marie Piel); com encenadores e actores (Alfredo Cortez, Amélia Rey Colaço), com poetas (Manuel Couto Viana, José Viale

<sup>14</sup> Historiador regionalista (1865-1947), autor da monumental obra. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança ou Repositório amplo de noticias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, biobibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança*. [S.l.]: Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus, Museu do Abade de Baçal, 2000. 12 Tomos. Recdição da responsabilidade de Gaspar MARTINS PEREIRA.

<sup>15</sup> SANTANA, Maria Olinda Rodrigues. *Cartas Inéditas do Abade de Baçal para o Padre António Mourinho - 1941-1947 (Introdução e Notas do Destinatário): contextualização, edição e notas de*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2005.

Mourinho), e, de igual modo, com políticos de várias etapas da história contemporânea do país (Mário Soares, Ramalho Eanes, entre outros). Foi, inclusive, mandatário do Partido Regenerador Democrático, liderado por António Ramalho Eanes. No seu Arquivo, há correspondência e fotografias tiradas com as várias personalidades.

Deixamos de parte, por agora, a referência a toda a correspondência profissional permutada com párocos, vigários, abades, bispos, bem como um conjunto de pequenos textos autobiográficos gravados nalgumas páginas das suas agendas, simultaneamente, pessoais e profissionais (“agendas missionárias”) e ainda desabafos sobre a sua vida religiosa exarados em folhas esparsas dos seus cadernos de apontamentos de investigação.

Incluímos no grupo da epistolografia a numerosa correspondência (misto de correspondência profissional e pessoal) enviada pelos seus paroquianos espalhados pelo país e pelos quatro cantos do mundo. Contudo, por se tratar de um corpus significativo merecerá um tratamento dilatado noutra lugar ou noutra ocasião.

A correspondência familiar e privada é pouco abundante, como já referimos, pelo autor considerar, tal como ainda hoje acontece com a maior parte dos escreventes<sup>16</sup>, que essa correspondência, por abordar assuntos banais, comezinhos, não era importante para ser conservada no seu Arquivo de intelectual.

Curiosamente, Mourinho não guardou a maior parte da correspondência familiar no seu Arquivo, mas, salvaguardou um pequeno corpus de documentos íntimos escritos, entre os finais da década de 30 e meados da década de 40 do século XX, ou seja, durante a sua vida estudantil no Seminário Maior de Bragança e nos inícios da sua vida profissional como pároco na freguesia de Duas Igrejas.

Trata-se de um corpus de 12 cadernos de poesia juvenil manuscritos, a maior parte deles atribuída a um pseudónimo J. Aldines. O autor confessa ao leitor que é uma poesia pueril, singela, deixando escapar aqui e ali um desejo de uma publicação futura dessa poesia. Estamos em crer que o autor começou a construir ou a preparar a sua imagem de erudito da Terra de Miranda, no Seminário Maior de Bragança, incentivado pelo seu Mestre, Abade de Baçal.

## 2.2. *A poesia juvenil de António Maria Mourinho*

A poesia juvenil do autor inscreve-se no âmbito da escrita popular ou quotidiana, tal como Daniel Fabre a define, na obra *Écritures ordinaires*<sup>17</sup>, por si dirigida. As escritas populares são, genericamente, os escritos gravados nos cadernos

<sup>16</sup> BARTHES, Roland. “Escritores e Escreventes”. *Ensaio Crítico*. Lisboa: Edições 70, 1977, pp. 205-215.

<sup>17</sup> FABRE, Daniel (dir.). *Écritures ordinaires*. Paris: Editions P.O.L., Centre Georges Pompidou, 1993.

escolares; as legendas escritas nas fotografias; as correspondências amorosas ou de amigos; os textos exarados nas agendas pessoais e profissionais; os diários, entre outros escritos<sup>18</sup>. As escritas quotidianas estão associadas a ‘momentos colectivos’ (instantes da esfera profissional: escola, actividades profissionais) ou a momentos ‘pessoais intensos’ (instantes da esfera íntima ou privada: diários, poesia, correspondência amorosa) ou ainda a ‘rotinas de actividades quotidianas’ (instantes da esfera doméstica: livros de contabilidade, agendas domésticas, listas de compras, etc.). Em todos os escritos anteriormente citados, os escreventes deixam as suas marcas pessoais, espaciais e temporais.

Partindo deste pressuposto, os escritos de Mourinho registados na sua juventude no Seminário Maior de Bragança, em Bragança, durante a sua formação teológica (1929-1942), bem como na sua terra natal, nos períodos das férias, revelam as suas idiossincrasias, a sua formação humanista e profundamente católica, o seu lirismo, o seu apego à família e aos amigos. Na sua juventude, Mourinho movimentava-se apenas nestes dois espaços transmontanos: Sendim, a terra natal, e Bragança. Era um jovem de uma família pouco abastada, com uma pequena deficiência física, num dos membros inferiores. Foi, supostamente, por ser o filho mais frágil que teve oportunidade de ir estudar para o Seminário. Naqueles tempos, as famílias mais desfavorecidas só deixavam estudar os filhos que não pudessem trabalhar arduamente as terras (deficientes físicos) ou se fossem o único rapaz de uma família de raparigas, tal como aconteceu com António Oliveira Salazar, ou seja, os rapazes das famílias mais desprotegidas que iam estudar eram sempre casos esporádicos, pois, naquele período, a cultura e instrução estavam vedadas aos mais pobres. Esse foi, por certo, o caso de Mourinho e de muitos outros seus contemporâneos. A falta de recursos económicos da família, a pequena deficiência física, a hipotética partida de uma apaixonada para o estrangeiro<sup>19</sup> e o conseqüente desgosto amoroso, talvez, tenham tornado António Mourinho um jovem tímido, receoso, pouco confiante, o que era perfeitamente habitual num jovem carenciado vindo de uma aldeia recôndita das Terras de Miranda. Por que razão pensamos desta forma? Justamente, porque os seus primeiros escritos revelam essa insegurança, ao escolher encobrir o seu próprio nome com um pseudónimo: J. Aldines.

No período estudantil, o autor escreveu 12 cadernos manuscritos de poesia, um “Cancioneiro Profano Primícias da Juventude”, manuscrito, assim como poesia avulsa diversificada igualmente manuscrita.

<sup>18</sup> FABRE, *op. cit.*, p. 11.

<sup>19</sup> Num dos cadernos de poesia, o pseudónimo J. Aldines faz alusão a uma “rosa” que partiu para a Argentina para casar com outro rapaz, deixando um “cravo” infeliz, que foi para monge. Será uma referência autobiográfica?

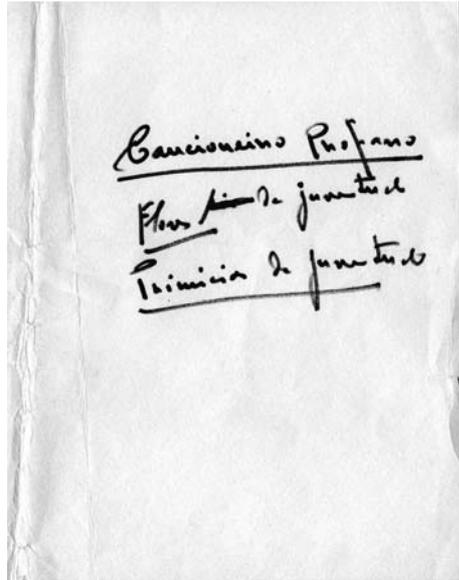


Fig. 2. Folha com o título do “Cancioneiro Profano Primicias de Juventude”.

Criou uma pseudo-revista manuscrita intitulada “Revista Literário-Científica: Néctar da vida”. Trata-se de uma pseudo-revista, porque não passa de um caderno onde copiou poemas e outros textos de autores que apreciava, no momento. No seu Supersistema, guardam-se alguns números dessa pseudo-revista e ainda inúmeras “agendas missionárias”, profissionais e pessoais, onde regista, lado a lado, as suas tarefas sacerdotais e os seus pensamentos e reflexões, a sua poesia. Nos cadernos de apontamentos de investigação, escritos profissionais, ocorrem inúmeros apontamentos de investigação, ladeados por textos íntimos, por desabaços, por preocupações ocasionais. Num caderno de investigação, guardou um pequeno papel com a seguinte confissão:

“Caíu sobre mim um certo Getsemani!, quando chegou uma hora de concorrer ao magistério secundário, entre várias escolas do País, concorri para Odivelas, junto de Lisboa, no concelho de Loures, onde fui colocado, e comecei a dar aulas de História e de Português, em Outubro de 1977. Em busca de alojamento, honesto e condigno, fui recolhido por uma família sã e de certa preponderância local, constante de uma senhora de 80 anos, /viúva e/ doente, e de uma filha de 50 anos, solteira, catequista, filha de Maria, e dirigente das Conferências de S. Vicente de Paulo, onde fui bem atendido, com esmero e carinho”.

Neste pequeno texto, o autor, padre, na altura, conta como conheceu a futura esposa (Maria de Lourdes Isabel Matias). A decisão de deixar a vida sacerdotal

e abraçar o matrimónio trouxe-lhe conflito interior, muita dúvida e angústia. Era um sacerdote extremamente realizado, por isso, quando optou pelo casamento e foi obrigado a desistir do sacerdócio, o autor viveu momentos de grande sofrimento. Existem vários textos, no seu Sistema Arquivístico, que põem a nu os seus sentimentos em relação a essa fase difícil da sua vida. O datiloscrito intitulado “Dispensa das obrigações sacerdotais” e outros pequenos textos gravam o sofrimento causado pelo rompimento com o sacerdócio.

Em suma, são inúmeros os escritos quotidianos produzidos por António Maria Mourinho nas três esferas da sua vida: privada ou pessoal, profissional e doméstica, encontrando-se, por vezes, muito entelhados ou sobrepostos. É extremamente difícil separar o que é profissional do que é doméstico e mesmo do que é pessoal, tal é a coesão destes vários vetores no Supersistema em causa. Deixando a esfera pessoal, observemos a importância da escrita quotidiana na múltipla investigação produzida pelo autor.

### 3. A ESCRITA QUOTIDIANA COMO PATRIMÓNIO ETNOGRÁFICO DA TERRA DE MIRANDA

Como é sabido, foi José Leite de Vasconcelos que descobriu ocasionalmente a língua mirandesa, em 1882, tendo proclamado, na altura, que o português não era a única língua falada em Portugal, que se falava também o mirandês<sup>20</sup>. Este filólogo foi o primeiro a recolher e a estudar de uma forma sistematizada a língua mirandesa, no seu trabalho: *Estudos de Philologia Mirandesa*<sup>21</sup>, e foi, de igual forma, o seu primeiro divulgador. Para além da investigação de José Leite de Vasconcelos na Terra de Miranda –conducente à fixação escrita de vários testemunhos de tradição oral (provérbios, adivinhas, contos) e ao seu estudo filológico– e do contributo de D. Ramón Menéndez Pidal, de uma forma especial na obra “El dialecto leonés”<sup>22</sup>, onde trata o “dialecto mirandês” –pouco mais foi estudado até à década de 40. António Maria Mourinho foi, na verdade, o continuador dos estudos etnográficos e filológicos encetados por José Leite de Vasconcelos. Depois da sua formação teológica e de se ter iniciado na pesquisa histórica e etnográfica da Terra de Miranda pela mão do Abade de Baçal, ao ser nomeado pároco na freguesia de Duas Igrejas, em 1942, abraça, desde logo, o projeto –que o guiará durante

<sup>20</sup> VASCONCELOS, José Leite. *Penafidelse*. Penafiel, Julho-Agosto, 1882. Citado a partir da obra de CAHEN, Michael. *Le Portugal bilingue*, Bordeaux, Maison des Sciences de l’Homme d’Aquitaine, 2004, p. 12.

<sup>21</sup> VASCONCELOS, José Leite. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, Volume I, 1900. Volume II, 2.ª edição comemorativa do cinquentenário da morte do autor, Miranda do Douro, 1993: 309-320. Apresentação e assistência do Dr. António Mourinho.

<sup>22</sup> Foi feita uma reedição da obra de Menéndez Pidal pela Diputación Provincial de León, em 1990.

toda a vida— de recolha e salvaguarda de todas as tradições linguísticas, etnográficas e culturais da Terra de Miranda. Tinha plena consciência de que o património imaterial transmitido pela tradição oral mirandesa estava em vias de extinção. Daí ter começado na sua juventude no Seminário Maior de Bragança, nas décadas de 30-40, a recolher em “cadernos e folhas soltas” a tradição oral mirandesa. Colheu, durante anos, junto dos seus “pais, irmãos, cunhadas, amigos de juventude, gente de Duas Igrejas, Constantim e Cércio e outros povos mirandeses” a literatura oral, a música, a coreografia, o traje, os instrumentos musicais de tradição popular, etc.. Foi o facto de ter começado a construir conscientemente o seu Arquivo Pessoal, na mesma altura, que lhe permitiu a guarda e a proteção, durante muitos anos, de manuscritos e datiloscritos pejados de recolhas do património imaterial mirandês. As recolhas foram iniciadas, a partir da década de 30, ficaram fixadas nos seus papéis, mas alguns só vieram a lume anos mais tarde, quando a oportunidade editorial surgiu. Se não tivesse levado a cabo as recolhas das poesias, dos contos, dos adágios, das canções dos serões, das mondas, das ceifas, das trilhas, das limpas, dos cardadores, dos fiadouros, bem como da coreografia mirandesa, desde o início da sua carreira de investigador e não as tivesse acautelado no seu Arquivo, durante anos, muito se teria perdido, como nos assevera a propósito da sua obra *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*<sup>23</sup>, pois, “Muitas das pessoas que mos ditaram, já faleceram há muitos anos, e, senão ficavam transcritas aqui, algumas versões teriam ido para a cova, com elas para sempre”<sup>24</sup>. Convém lembrar que o autor arquivou todas as suas recolhas, em suporte papel manuscrito, em datiloscrito e em provas tipográficas revistas, juntou fotografias, muitas delas captadas por ele próprio e gravou registos fonográficos. Todos esses materiais reveladores do percurso editorial da maior parte das suas obras estão preservados nos quatro sistemas do seu Supersistema de Informação Pessoal.

Relativamente ao cancionero, o autor começou a registar algumas composições nos finais da década de 30, mas só conseguiu editar o *Cancioneiro Tradicional*, em 1984. Nesta altura, já tinha feito investigação sobre o cancionero popular português e sobre os cancioneros peninsulares, em geral, e, por isso, ofereceu, na sua obra, uma classificação da poesia popular mirandesa. Designou a poesia por “popular, cantada e falada; na linguagem quotidiana”, e classifica-a como “poesia popular infantil mirandesa”, “poesia popular adulta” e “poesia popular agiológica mirandesa temporal, ao correr do ano”. Na mesma obra, editou os “apodos tópicos dos povos dos cinco concelhos do Nordeste Transmontano” coletados e registados num texto manuscrito pelo padre José Manuel Miranda Lopes, de Argoselo. Publicou canções encadeadas de tradição medieval, que considerou novas, em relação às recolhas anteriormente realizadas por José Leite de Vasconcelos, Carolina de

<sup>23</sup> MOURINHO, António Maria. *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*. Bragança: [Escola Tipográfica de Bragança], 1984.

<sup>24</sup> Idem, *Ibidem*, p. XXII.

Michäelis, J. J. Nunes, Rodrigues Lapa, entre outros. Expressou sugestivamente o autor:

“As novas canções descobertas por mim e pelo meu distinto e saudoso amigo e erudito colecionador etnográfico P. Firmino Martins, ele em Vinhais e eu em Miranda, são medievais dos Cancioneiros, singelas, de sabor agreste a salgueiral e a ribeira, de tema simplinho, girando em volta de uma só afirmação ou ideia, de palavras ingênuas como a urze do monte e puras como o leite ordenhado pelas mãos inocentes e a alma lavada dos pastores alegres pelo mato bravio e fresco”<sup>25</sup>.

No romanceiro incluído na mesma obra, abonou o nome dos informantes, as proveniências geográficas, as idades dos mesmos, as datas das coletas e referiu que muitos informantes à data da publicação da obra (1984) já tinham falecido. Uma parte das composições foi recolhida, no ano de 1938, outras, nos anos de 1968 a 1971, e outras composições, no ano de 1977, entre outras datas. Num pequeno comentário tecido a propósito de cada composição, fez referência ao quadro de tradição das mesmas, indicando os filólogos e etnógrafos dos dois lados da fronteira que as recolheram e estudaram antes dele. As composições registadas por escrito em suporte papel e em bobines de fita magnética, no período de 1968 a 1971, foram recolhidas através dos alunos da Escola Preparatória D. João III (Benilde Sebastião de Malhadas; Domingos Lima da Beira Alta, filho de um operário da Barragem de Miranda do Douro; Natália Garcia de Aldeia Nova; Balbina Mendes de Malhadas; Elvira Torrado de Aldeia Nova), em Miranda do Douro, quando o autor aí foi professor de “Educação Musical e Actividades Culturais”. Nos comentários, incluiu ainda os nomes dos informantes, as datas dos registos escritos e sonoros. Podemos ouvir muitas destas composições ditas pelos respectivos informantes, à época, no CD-ROM, editado com a obra *De boca em boca sons e palavras de Miranda: António Maria Mourinho*<sup>26</sup>. Nesta obra, é apresentada uma parte significativa do tratamento do Arquivo Sonoro. No *Cancioneiro Tradicional e danças populares mirandesas* de Mourinho<sup>27</sup> ofereceu também um conjunto interessante de “canções de serões, das mondas, das ceifas, das trilhas, das limpas, dos cardadores, dos fiadouros<sup>28</sup>”, acompanhadas pelo mesmo tipo de comentário com a indicação dos informantes, da respetiva proveniência geográfica, idade e quadro de tradição das canções de um e do outro lado da fronteira. Na mesma obra, coligiu um “cancioneiro religioso (orações da manhã, do dia e da noite)”. Muitas orações

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, p. 56.

<sup>26</sup> SANTANA, Olinda; MORAIS, Domingos; CORREIA, Mário. *De boca em boca sons e palavras de Miranda: António Maria Mourinho*. Miranda do Douro: CEAMM, SONS DA TERRA, Centro de Música Tradicional, 2010.

<sup>27</sup> MOURINHO, António Maria. *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*. Bragança: [Escola Tipográfica de Bragança], 1984.

<sup>28</sup> Mais à frente proporcionamos a descrição de um fiadouro.

foram similarmente recitadas pelos alunos acima referidos (Balbina Mendes de Malhadas, Felícia Preto de Constantim, Elvira Torrado de Aldeia Nova, Manuel Martinho de Algosos, Natália Garcia de Aldeia Nova, António Santiago de Miranda, Avelina Xavier de Miranda). Outras orações a “Todos os santos e almas do purgatório” eram rezadas à noite após a ceia aos defuntos das famílias e foram coletadas por Mourinho junto dos seus familiares, designadamente a sua mãe, Ermelinda Rosa Pires, que a ouvira a sua avó, Joana Mendes Ferreira, e junto dos mesmos alunos supracitados (Benilde Sebastião de Malhadas, Maria Mendes da Freixiosa). Na mesma obra, recolheu, de igual modo, as “danças populares mirandesas”, encetando a sua exposição por uma introdução teórica, profusamente ilustrada com estampas alusivas à dança, sobre “A Dança na Antiguidade e na Idade Média”. O autor concluiu, nesse estudo de enquadramento, que “As danças mágicas, as danças mímicas, as danças da fertilidade, todas se dançaram na Idade Média, época de profunda vitalidade espiritual e cabiam bem dentro do seu espírito”<sup>29</sup>. Acrescentou um quadro sintético com o número de festas ligadas aos “velhos ritos naturalistas”, que segundo ele passaram as “velhas idades” e a Idade Média “imperturbáveis”, e por isso sobreviveram no Nordeste Transmontano e em muitos lugares do “velho mundo”, contudo encontravam-se esses “descantes folguedos báquicos e bailados, cuja expressão tradicional” em extinção, na década de 80. Nas festas do 1.º ciclo de inverno, que apresentavam danças e folguedos com “reminiscências de velhos ritos”, integrou dezasseis tipos de festas<sup>30</sup>, a começarem no dia de Todos os Santos e a terminarem na noite de Carnaval com o enterro do Entrudo. Eram os seguintes:

“1. Todos os Santos, 1.º de Novembro, com os magustos”; “2. S. Martinho, 10 de Novembro; vinho novo e castanhas”; “3. Santa Catarina, 25 de Novembro; vinho novo”; “4. Santo André, 30 de Novembro, mata-porco”; “5. Santa Luzia, 13 de Dezembro, mascarados”; “6. Natal, 25 de Dezembro; Fogueiras”; “7. Santo Estêvão, 26 de Dezembro, festa dos casados; refeições públicas colectivas”; “8. S. João, 27 de Dezembro, festa dos solteiros, refeições públicas colectivas”; “9. Santos Inocentes, 28 de Dezembro, dia dos enganados”; “10. Ano Novo 1.º de Janeiro; Festa da *Velha*, Vila Chã”; “11. Reis, 6 de Janeiro. Chocalheiro de Tó”; “12. Santo Amaro Boteleiro, 15 de Janeiro”; “13. Santo Antão, 17 de Janeiro; carne de porco, nas refeições”; “15. Nossa Senhora das Candeias (Candelária), 2 de Fevereiro”; “16. S. Brás, 3 de Fevereiro; carne de porco às refeições”; “17. Entrudo-Carnaval; folguedos báquicos, máscaras, etc.”.

Quanto às festas do 2.º ciclo: primavera-verão, iniciavam-se com a festa de ramos e acabavam nos santos populares S. João e S. Pedro. Eram treze as festas deste ciclo<sup>31</sup>:

<sup>29</sup> *Op. cit.*, p. 421.

<sup>30</sup> Saltou inadvertidamente o número 14.

<sup>31</sup> Passou distraidamente o número 8.

“1. Ramos”; “2. Páscoa florida; lume novo, águas primordiais”; “3. São Marcos, 25 de Abril, ladainhas maiores, e festa do touro, boi bento, etc.”; “4. 1.º de Maio, Maías”; “5. Santa Cruz, 3 de Maio, espiga”; “6. S. Miguel, 8 de Maio, ladainhas”; “7. Rogações, procissões pelos campos, comes e bebes medievais e bailes ao ar livre”; “9. Festas das Flores, Santa Bárbara, contra as trovoadas, cortejos de chocalhos, com fogueiras e descantes, em Duas Igrejas, Miranda do Douro, dança em volta das fogueiras.”; “10. Pentecostes, Procissões zamorano-sayaguesas pelos campos”; “11. Santíssima Trindade, romaria, com rondas e desafios de mocidades; Fonte de Aldeia, Miranda do Douro, restos de cultos gentílicos”; “12. Santo António, 13 de Junho. Danças em fogueiras e cascatas”; “13. S. João, 24 de Junho. Danças em fogueiras e cascatas”; “14. S. Pedro. Danças em fogueiras e cascatas”.

Forneceu no seguimento as letras das canções, inúmeras fotografias das festividades e danças, mas também notações musicais de *lhaços* e de composições a que ele chamou “danças regionais de Miranda do Douro”: “1. Verde Gaio de Miranda”; “2. Mira-me Miguel”; “3. Giriboilas”; “4. Çaragoça ou Giringonça”; “5. Galandum”; “6. Súcia”; “7. Ligas Verdes”; “8. Solidana”; “9. Maganão”. Todos estes materiais manuscritos, fotografias e notações musicais originais estão preservadas no seu Supersistema.

A pesquisa coreográfica encaçada desde o início do seu interesse pelas “coisas de Miranda” ficara gravada, na obra conjunta: “Coreografia popular Transmontana: Moncorvo e Terra de Miranda”<sup>32</sup>, editorada com o antropólogo Professor Joaquim dos Santos Júnior. Este último recolheu as danças populares de Moncorvo, hoje desaparecidas. Mourinho descreveu as danças mirandesas, sobretudo as mistas, algumas paralelas, algumas circulares e de par e os repasseados. Ficaram de fora as “danças rituais” e a “dança dos Paulitos”. A obra apresenta uma fundamentação teórica sobre a coreografia do Nordeste de Trás-os-Montes, mas também uma explicação prática com esquematizações das diferentes danças, notações musicais e fotografias de momentos de execução das mesmas. Os materiais manuscritos, os datiloscritos, as revisões de provas originais desta obra integram o Supersistema de Mourinho. Acresce-se a esse material uma copiosa correspondência manuscrita original trocada entre os dois coreógrafos, onde se encontram imensas alusões e explicações à coreografia transmontana.

O autor desenvolveu ainda uma dilatada investigação sobre a literatura oral, a música mirandesa, o traje popular, o teatro rural. Relativamente às músicas mirandesas, considerou-as ingénuas e devedoras dos repertórios ibéricos e das composições medievais.

<sup>32</sup> “Coreografia popular Transmontana (Moncorvo e Terra de Miranda)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 23. Fasc. 4, 1980, pp. 439-587 + XXIV estampas. [Separata de 150 páginas + 68 estampas e desenhos, com capa do pintor Mestre Camarinha].

“criações totalmente suas, em ritmo próprio, os rimances, as marchas, umas importadas e adaptadas outras filhas da terra, perdidas nas noites dos tempos, as simples canções da ceifa e da monda e da trilha, aos ritmos importados dos espanhóis num intercâmbio secular, os jogos de roda, os fandangos, uma espécie de canções se impõe neste povo de civilização bem característica tradicional onde o medievalismo tinha sua parte grande (...)”<sup>33</sup>.

Dentro das composições propriamente mirandesas, surgem os *fiadouros* e *fogueiras* que se organizavam por todas as aldeias mirandesas. O autor descreveu, da seguinte forma, essas manifestações:

“Os rapazes levavam flautas ou realejos e acordeões ou até a gaita de fole, cantavam-se rimances, loas à Virgem, a Santo António e a Santa Bárbara e outras canções próprias dos fiadouros; contavam-se lendas e episódios dos últimos acontecimentos sensacionais e longínquos e vizinhos; contavam-se loas de cegos sobre crimes e sucessos românticos e outras maravilhas incríveis e, por fim de serão, terminava-se ainda com bailes desagarrados: as *Giriboilas*, as *Ligas Berdes*, *Galandum*, os repasseados ao desafio, os bailes soltos a dois como o *Freile Cornudo*, o *Mira-me Miguel*, *Chora ó Videirinha*, etc. etc., até às onze da noite”<sup>34</sup>.

O Sistema Sonoro de António Maria Mourinho, recentemente inventariado e tratado por Mário Correia, no “Centro de Música Tradicional Sons da Terra”, em Sendim, Miranda do Douro, conserva todo o material áudio recolhido por ele com a indicação precisa do local onde foi gravado, do tipo de música ou texto e dos informantes ou cantadores das composições. No disco compacto que acompanha a obra *De boca em boca sons e palavras de Miranda: António Maria Mourinho*, são disponibilizadas 376 composições, entre elas, figura um fiadouro registado por Mourinho, em 26 de Outubro de 1963, em Duas Igrejas. Trata-se de acordo com Mário Correia, o etnomusicólogo que tratou o Arquivo Sonoro de Mourinho, do “único registo fonográfico conhecido dos populares fiadouros mirandeses, constituindo, pois, um documento de grande valor etnomusicológico”<sup>35</sup>.

Foi o labor etnográfico de Mourinho que tornou possível a preservação deste tipo de manifestação, permitindo, igualmente, a sua recriação pelo atual *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas*<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> *Terra de Miranda. Coisas e Factos da Nossa Vida e da nossa Alma Popular*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1991, “Canções e bailados”, p. 63.

<sup>34</sup> MOURINHO, *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Vol. I, 1984, p. XXV.

<sup>35</sup> *Idem, Ibidem*, p. 39.

<sup>36</sup> Aquando da exposição que realizámos, em 2008, sobre *O Arquivo do Dr. António Maria Mourinho: Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (1945 a 1992) - Mostra Documental*. O atual *Grupo Folclórico de Duas Igrejas* apresentou uma recriação de um fiadouro.



Fig. 3. *Fiadouro* pelo Grupo Folclórico de Duas Igrejas – créditos fotográficos CEAMM/Município de Miranda do Douro.

Depois das festas do 1.º ciclo de inverno, começavam-se a preparar episódios para as representações teatrais que ocorreriam depois da Páscoa. A preocupação etnográfica do autor estendeu-se ao âmbito da literatura, tendo recolhido cerca de 30 peças de teatro rural junto dos mirandeses. No seu texto sugestivamente intitulado: “Teatro Popular: nem tudo se perdeu”, incluído na obra: *Terra de Miranda: coisas e factos da nossa vida e da nossa alma mirandesa*<sup>37</sup>, editada em 1991, verbalizou o seguinte: “encontrei muitos textos de outros *autos* que eu sabia existentes, mas não esperava encontrar”. Num outro artigo sobre “Teatro rural em Trás-os-Montes”<sup>38</sup>, afirma que encontrou esses *autos* “pelas lareiras mirandesas, uns enegrecidos do fumo dos invernos, outros das mãos calejadas dos lavradores que os manusearam (...)”<sup>39</sup>. Neste mesmo texto, aconselhou a elaboração de uma “edição popular” destes “autos, em folhetos de cordel, para que de novo andassem nas mãos dos boieiros e dos pastores, da gente do campo, pois creio que é da mais legí-

<sup>37</sup> Miranda do Douro: António Maria Mourinho e Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1991. Na introdução da obra, diz-nos que esta estava organizada e tipografada há mais de vinte anos. Refere também que a maior parte dos temas apresentados vinham sendo tratados, há cinquenta anos, desde 1941, em revistas, jornais e outros locais difíceis de encontrar.

<sup>38</sup> “Teatro Rural em Trás-os-Montes”. Separata da Revista *Ocidente*, 1956, vol. LI, pp. 181-191.

<sup>39</sup> Idem, *Ibidem*, p. 185.

tima cultura nacional que pode facultar-se-lhes”<sup>40</sup>. Esse desejo de Mourinho já foi concretizado pelo Centro de Estudos António Maria Mourinho, como referiremos à frente.

Na mesma obra, *Terra de Miranda: coisas e factos da nossa vida e da nossa alma mirandesa*, acrescentou o seguinte:

“Hoje tenho em meu poder, já transcritos fielmente dos originais manuscritos e impressos (estes quase a desfazerem-se, arrumados e gastos das mãos calosas dos camponeses dessas terras), cerca de duas dezenas de autos bíblicos, religiosos, cavalheirescos e cómico-satíricos, representados nesta região.

Forma este conjunto um total de 500 páginas dactilografadas a duas colunas e a um só espaço, onde se encontram textos clássicos e ingénuos, mimosos e rústicos, mas todos decentes, afirmando um tesouro popular único na cultura nacional”<sup>41</sup>.

O referido acervo teatral encontra-se preservado no seu Supersistema Pessoal. Tal como o coletor refere esses colóquios alguns são textos manuscritos, outros são datiloscritos, mandados datilografar por ele próprio. Algumas peças do “Teatro Popular Mirandês” foram encenadas por Mourinho e representadas pelos mirandeses de várias aldeias. Em 1948, conseguiu a proeza de reunir mais de 25 mil pessoas para assistirem à representação do *Auto da Mui dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo* de Francisco Vaz de Guimarães, na aldeia de Duas Igrejas. Esteve entre o público António Ferro, o mentor da política cultural do Estado Novo.

Algumas peças recolhidas por António Mourinho foram, já, editadas em suporte papel, em formato de cordel, tal como ele desejava, entre elas: *Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo*; *Vida de Roberto do Diabo*; *Auto de José do Egípto*; *A vida de Santa Imperatriz Porcina*; *Famosa comédia dos Sete Infantes de Lara*; *A pintura de São Brás* e *A criação do mundo*.

O Centro de Estudos António Maria Mourinho ofereceu e distribuiu o mencionado conjunto de peças teatrais pelas associações culturais, pelas juntas de freguesia e pelas escolas da região. Foi também executada uma edição em suporte digital, através de projecto de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e concretizado por António Bárbo Alves. São 16 as peças de cariz religioso editadas em formato digital: *A criação do mundo*; *A vida de Santa Imperatriz Porcina*, *Auto da mui dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*; *Auto de José do Egípto*; *Auto de Santa Bárbara*; *Auto de Santo Aleixo*; *Auto do milagroso mártir S. Sebastião*; *Auto do nascimento do menino Sagrado*; *Verdadeiro auto de Adão e Eva*; *Colóquio da Inveja, Diabo, Silvestre...*; *Colóquio de Adão e Eva*; *Daniel no*

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, p. 189.

<sup>41</sup> MOURINHO, *Terra de Miranda. Coisas e Factos da Nossa Vida e da nossa Alma Popular*, pp. 387-388.

*lago dos leões; A casa de Santa Isabel e os pastores de Lião; Pastores de Judá; O cerco da grande cidade de Deus; Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Foram 7 os textos de cariz profano guardados no seu Arquivo também editados em suporte digital pelo CEAMM: *A pintura de São Brás; Auto de Rodrigo e Mendo; Cena policiana; Famosa comédia dos Sete Infantes de Lara; Um dia de Inverno; Verdadeira tragédia do Marquez de Mântua; Vida de Roberto do Diabo.* Há ainda uma outra peça de cariz religioso custodiada no seu Supersistema de Informação Pessoal e já editada: *Bíblia Sagrada em quadras simples.*

O teatro rural mirandês –tal como os outros vetores das investigações de Mourinho– está também representado em película no seu Sistema Fotográfico.

O autor desenvolveu uma longa pesquisa etnográfica sobre a literatura oral, sobre a música mirandesa, sobre a coreografia, sobre o traje popular, sobre os instrumentos musicais e sobre o teatro rural, mas a trave-mestra de toda a sua investigação foi o registo escrito e o estudo filológico da sua língua materna: o mirandês. Mourinho foi, na verdade, um “construtor de uma língua”, “um demiurgo do dizível”<sup>42</sup>, preocupado em passar os sons, as vozes mirandesas a escrito, a textos, mas não descurando também o registo sonoro da oralidade mirandesa<sup>43</sup>. Na década de 40, dedicou-se essencialmente à língua e literatura mirandesas. Em 1942, estreou-se na poesia mirandesa com dois poemas autógrafos “Nuossa Alma i Nuossa Tiêrra” e “Las Siete Armanas”, lidos na sala “Portugal” da Sociedade de Geografia, na festa do Dia de Miranda do Douro, promovida pela Casa de Trás-os-Montes de Lisboa. No ano seguinte, publicou os dois poemas acima citados e um outro intitulado “Amiyos del Sou Amiyo” no livro de *Actas do II Congresso Transmontano*. Dois anos passados, publicou no volume IV da *Revista de Portugal*, o seu primeiro trabalho sobre a língua mirandesa: *Subsídios Para Um Tratado de Dialectologia Portuguesa - O Dialecto Mirandês e Expansão e Vitalidade do Mirandês* (volume IV, Série A), ou seja, na primeira fase da sua investigação considerou prioritário registar e refletir metalinguisticamente sobre a sua língua. Em três anos, de 1944 a 1947, o autor editou, na *Revista de Portugal. Série A, Língua Portuguesa*, um conjunto de 11 estudos filológicos sobre a língua mirandesa. Era premente para Mourinho, naquela altura, para além de a registar por escrito, construir uma sistematização, uma gramática da sua língua.

Deve ter sido também por esta altura que coligiu junto do povo mirandês os *Ditos Dezideiros, Refranes i Probérbios Mirandeses*<sup>44</sup>. Colheu, durante anos, textos orais da memória coletiva mirandesa de vários tipos: trava-línguas, rezas, adivi-

<sup>42</sup> HAGÈGE, Claude. *O Homem Dialogal*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 169.

<sup>43</sup> SANTANA, Olinda; MORAIS, Domingos; CORREIA, Mário. *De boca em boca sons e palavras de Miranda: António Maria Mourinho*. Miranda do Douro: CEAMM, SONS DA TERRA, Centro de Música Tradicional, 2010.

<sup>44</sup> MOURINHO, António Maria. *Ditos Dezideiros, Refranes i Probérbios Mirandeses*, Miranda do Douro: Centro de Estudos António Maria Mourinho, Câmara de Miranda do Douro, 2007. Organização, introdução e notas de António Bárbolo Alves, capa de José António Nobre.

nhas, expressões comparativas, contos “cuntas i lhonas” da Terra de Miranda. No seu trabalho etnográfico passou para o código escrito mirandês os textos orais, ainda hoje ouvidos aos anciãos mirandeses. Indicou, na citada obra, os seus informantes, nos refrãos e adágios: a sua família chegada, a sua mãe<sup>45</sup>, Ermelinda Rosa Pires de Sendim, os seus avós materno, João de Castro Pires<sup>46</sup>, e paterno, seu homónimo, Tio António Mourinho de Sendim, Abílio Pepe de Sendim<sup>47</sup>. Forneceu, de igual modo, os locais onde ouviu os rifões, os adágios: na Freixenosa, em Mogadouro, em Sendim. As quadras e adivinhas foram escutadas aos informantes: Claudina Pires, à mãe, Ermelinda Rosa Pires de Sendim, ao Tio Benjamim tocador de caixa de Vila Chã<sup>48</sup>, nos lugares de Sendim, Vila Chã, São Martinho de Angueira<sup>49</sup>.

Nos textos intitulados “*vária* sobre psicologia popular mirandesa”, incluiu “cuntas i lhonas”, os informantes foram “Glória Dezoita”, Glória Lopes de Duas Igrejas, Abílio Xavier mais conhecido por Abílio Pepe de Sendim, Tie Jacinta de Vila Chã de Braciosa, Tiu Francisco Perpétuo de Sendim, Tie Fidalga da Freixenosa, Tiu Coças de Duas Igrejas<sup>50</sup>. Os locais onde foram registadas foram Malhadas, Quinta de Cordeiro, Duas Igrejas, Palaçoulo e Vilar Seco.

Este trabalho etnográfico de recolha e preservação de um património imaterial em risco ocupou Mourinho durante “mais de meio século”, como ele próprio nos elucida na “Introdução” da sua obra *Ditos Dezideiros, Refranes i Probérbios Mirandeses*<sup>51</sup>. Esta obra, como quase todas as outras do mesmo autor, começou por ser manuscrita, passando, numa segunda fase, a ser um datiloscrito, não tendo chegado a ser editorada durante a existência do autor. As várias fases da escrita da obra integram o SIPAMM. É composta por 4000 “adágios”, cem quadras, dezenas de expressões comparativas e três dezenas de expressões chamadas “atributos pessoais” foi editada recentemente pelo Centro de Estudos António Maria Mourinho (CEAMM).

Os *Ditos Dezideiros* transmitem a experiência de vida, a sabedoria milenar do povo mirandês que soube guardar nos sons e nas palavras passadas de boca em boca as tradições orais de uma terra singular. Mourinho termina a introdução da sua obra da seguinte forma:

“Não vou alongar-me mais em divagações sobre os provérbios, rifões ou adágios ou sentenças. Eles são tão antigos como o homem sobre a terra. Há neles toda a sabedoria, a bondade, a malícia, a força do direito, da verdade, do bem e do

<sup>45</sup> MOURINHO, *Ditos Dezideiros, Refranes i Probérbios Mirandeses*, p. 78.

<sup>46</sup> MOURINHO, *op. cit.*, p. 75.

<sup>47</sup> MOURINHO, *op. cit.*, p. 82.

<sup>48</sup> MOURINHO, *op. cit.*, pp. 109-114.

<sup>49</sup> MOURINHO, *op. cit.*, pp. 114-115.

<sup>50</sup> MOURINHO, *op. cit.*, pp. 131, 133, 134, 136.

<sup>51</sup> MOURINHO, *op. cit.*, p. 13.

mal. E neste mais alguma coisa: a rusticidade com que muitos se criaram e viveram. Loures, 1 de Abril de 1996 - (Dia dos enganados), António Maria Mourinho”<sup>52</sup>.

Não sabemos por que motivo a obra não chegou a ser editada em vida do autor, sabemos sim que o autor faleceu poucos meses depois da escrita desta introdução.

O etnólogo José Leite de Vasconcelos foi o primeiro a recolher contos mirandeses. Publicou em 1901, cinco contos incluindo três fábulas no seu volume II de *Estudos de Filologia Mirandesa*. António Maria Mourinho, tendo consciência da precariedade das narrativas orais, colheu como ele próprio diz “em poucos meses” “alguns exemplares completos”, “alguns de carácter tipicamente mirandês e raiano o outros de carácter comum”<sup>53</sup>.

Os contos mirandeses foram, durante muitos séculos, o meio excepcional de transmissão da cultura mirandesa. Tal como noutras comunidades agrárias e “civilizações de oralidade”<sup>54</sup>, estas narrações passaram de geração em geração, conformando uma cultura, uma região e um povo que as acolheu, adaptou e legou continuamente. Mourinho não pôde deixar de se interessar pela literatura oral mirandesa. Num seu trabalho<sup>55</sup>, sobre a língua como vetor cultural, o autor anunciou que a cozinha mirandesa era a “sala de cultura da família”<sup>56</sup>, precisamente por se tratar do lugar onde tradicionalmente se contavam os contos, sobretudo, durante os serões de inverno. Atualmente com o desenvolvimento e uma prática mais efetiva da oralidade e de escrita da língua mirandesa, os contos encontraram uma nova vitalidade, tendo surgido gerações de “novos contadores”.

Na opinião de António Bárbolo Alves<sup>57</sup>, deve-se a Mourinho “a primeira tentativa de sistematicidade na recolha e estudo dos contos da literatura oral mirandesa”. O trabalho que apresentou sobre o “conto popular mirandês”<sup>58</sup>, em 1963, num *Congresso Internacional de Etnografia*, em Santo Tirso, representa um esforço do autor para fornecer “cientificidade” às suas investigações sobre o conto tradicional. O autor apresentou a recolha e edição de 8 contos, indicando que tinha recolhido mais de 50. Destes 50 aponta as línguas em que foram transmitidos

<sup>52</sup> MOURINHO, *op. cit.*, p. 17.

<sup>53</sup> MOURINHO, *Terra de Miranda. Coisas e Factos da Nossa Vida e da nossa Alma Popular*, p. 292.

<sup>54</sup> ZUMTHOR, Paul. “Littératures de la voix”. *Le Grand Atlas des Littératures*. Paris: Encyclopaedia Universalis, 1990, p. 70-72.

<sup>55</sup> MOURINHO, António Maria. “A língua como vetor cultural do nordeste português”. *Actas das Primeiras Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, Miranda do Douro, 1987, p. 81.

<sup>56</sup> MOURINHO, *op. cit.*, 81.

<sup>57</sup> ALVES, António Bárbolo. *Palavras de identidade da TERRA DE MIRANDA: uma abordagem estatístico-pragmática de contos da literatura oral mirandesa*. Porto: Centro de Estudos em Letras da UTAD, Publicações Pena Perfeita, 2007, p. 134.

<sup>58</sup> “Apontamentos sobre o Conto Popular Mirandês”. *Colóquio sobre o Conto Popular. Actas do Congresso Internacional de Etnografia de Santo Tirso*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, Vol. 6, pp. 297-308. No seu Arquivo Fotográfico existem várias fotografias de Mourinho, no referido Congresso, em 1963, com outros congressistas.

(mirandês, português, castelhano, sendinês), a sua origem geográfica ou espacial (Sendim, Palaçoulo, Duas Igrejas, Urrós, Picote, Mogadouro, Espanha, etc.)<sup>59</sup>. Os contos são narrativas recorrentes em várias culturas, línguas e lugares, logo, é natural encontrá-las nas várias regiões vizinhas. Chamou a atenção para a necessidade de se continuar a coletar a literatura oral mirandesa, porque o seu trabalho tinha ficado no início<sup>60</sup>. O investigador António Bárbolo Alves deu continuidade ao seu trabalho na investigação conducente ao seu doutoramento<sup>61</sup>, reuniu os textos publicados por José Leite de Vasconcelos (6 textos), por António Mourinho (8 textos) e acrescentou uma recolha de 15 contos feita por si<sup>62</sup>.

Mourinho deu também especial atenção à poesia mirandesa e à tradução de textos portugueses para a sua língua materna: o mirandês. Em 1961, publicou uma obra literária - *Nôssa Alma i Nôssa Tierra*<sup>63</sup>, com poesia mirandesa. No seu Sistema Arquivístico, existem vários manuscritos de poemas de poetas portugueses consagrados (Camões, David Mourão-Ferreira, Viale Moutinho, entre outros). Encontramos também manuscritos e datiloscritos da missa, dos evangelhos em mirandês, bem como registos sonoros de “Toques rituais, orações e recitativos”, dezenas de “rimances, orações e ensalmos recolhidos” junto dos jovens alunos de “Religião e Moral” e de “Educação Musical e Actividades Culturais” da Escola Preparatória de D. João III, em Miranda do Douro, nos anos de 1968 a 1971. O acervo sonoro é, nas palavras do etnomusicólogo, Domingos Morais “um notável acervo que cobre a totalidade dos mais significativos momentos da vida rural no planalto mirandês” (SANTANA; MORAIS; CORREIA 2010: 34).

A investigação etnográfica de Mourinho ficou também fixada em imagem no seu Sistema Fotográfico. Sendo ele um amante de fotografia, um observador atento de tudo aquilo que o cercava, serviu-se da fotografia como testemunho etnográfico, histórico e sociológico revelador da vida dos mirandeses na sua época (década de 30 à de 90 do século XX). Nas suas imagens, encontram-se narrativas visuais representativas do trabalho rural, do labor artesanal, da paisagem natural e construída, da casa mirandesa, da mulher mirandesa, as crianças mirandesas, entre muitas outras.

A seguir, disponibilizo algumas imagens fotográficas captadas por Mourinho, quando este andava no meio das gentes mirandesas a realizar as suas recolhas etnográficas.

<sup>59</sup> MOURINHO, *Terra de Miranda. Coisas e Factos da Nossa Vida e da nossa Alma Popular*, pp. 292-301.

<sup>60</sup> MOURINHO, *op. cit.*, p. 301.

<sup>61</sup> ALVES, *Palavras de identidade da TERRA DE MIRANDA: uma abordagem estatístico-pragmática de contos da literatura oral mirandesa*, 2007.

<sup>62</sup> *Literatura Oral Mirandesa – Recolha de Textos na Mirandês*. Porto: Granito Editores, 1999. Coordenação de António Bárbolo Alves.

<sup>63</sup> Lisboa: Imprensa Nacional, 1961.



Fig. 4. *Cesteiras mirandesas e seus filhos – créditos fotográficos CEAMM/Município de Miranda do Douro.*



Fig. 5. *Mulheres mirandesas em trajes tradicionais – créditos fotográficos CEAMM/Município de Miranda do Douro.*

Perpetuou em película os mais variados temas da coreografia mirandesa (trajes populares, danças mirandesas); a arqueologia da região (abrigos rupestres, lápides funerárias luso-romanas, vestígios arqueológicos); a arte religiosa da Terra de Miranda (mosteiros, igrejas, capelas, cruzeiros, alminhas); as representações teatrais profanas e religiosas (teatro popular mirandês); o artesanato (ferro forjado, cestaria, barros), etc. Na sua obra: *Terra de Miranda. Coisas e Factos da Nossa Vida e da nossa Alma Popular*<sup>64</sup>, numa nota final, afirmou que recoletou, nessa obra, investigação de 50 anos. Declarou ainda que o “papel do historiador e do observador”, entenda-se do etnógrafo, é o “registar factos e também comentá-los”. Nas páginas finais dessa obra, o autor forneceu dezenas de fotografias, que integram o seu Sistema Fotográfico, sobre aspectos históricos, etnográficos, coreográficos, sociológicos da Terra de Miranda. Forneço algumas legendas das fotografias para exemplificar os temas recolhidos: a “eira comunitária”, o “vale comunitário”, o “trabalho na eira”, o “tronco de curar e ferrar as vacas”, a “fonte comunitária”, a “fonte de Canto”, as “mulheres a fazer malha nas horas de lazer na guarda do gado equino, asinino e vacum, nos “vales comunitários de Palaçoulo”, a “paisagem de um castro romanizado: “S. João das portas latinas, em Aldeia Nova”, o “ninho de cegonha”, os “jogos tradicionais infantis nos recreios das escolas primárias”, a “reunião do concelho do lugar, junto ao cruzeiro”; “a casa de abrigo no meio da vinha”, “a forja comunitária de Fonte de Ladrão”, a “Sacralização dos campos, alminhas, em Teixeira, Miranda do Douro”, a “Sacralização da paisagem, cruces e alminhas centenárias à beira dos caminhos”, “o feirante romeiro da Senhora da Luz – Terra de Miranda”, a “Festa das vacas, em honra de Nossa Senhora do Rosário em Palaçoulo”, “as mulheres mirandesas carregam para a Terra de Miranda os cântaros, na feira da Senhora da Luz”, a “capa de honras mirandesa”, o “moço mirandês em traje domingueiro”, o “traje feminino”, o “curral mirandês, Águas Vivas”, a “pastora no meio do rebanho, Vale de Mira”, a “loja dos suínos de criação caseira”, o “trabalho na eira”, o “escrinho mirandês, cestaria de tipo antigo”, a “tosquia do rebanho no cabanal mirandês”, “trilhando o cereal na eira, Carção, Vimioso”, “maçando o linho – Cicouro – Miranda do Douro – 1959”, “Trilhando na eira – em 1948 – Duas Igrejas – Miranda do Douro”, entre outros.

A curiosidade inata, o gosto pelo convívio popular e pelo diálogo como os intelectuais do meu tempo (Abade de Baçal, D. Ramón Menéndez Pidal, Professor Joaquim dos Santos Júnior; José Marie Piel, Lindley Cintra, entre muitos outros) muito contribuíram para a produção de um Superarquivo ou Supersistema diversificado, composto por 4 sistemas e vários subsistemas. Nos seus 4 arquivos ou sistemas ficaram registadas as suas descobertas arqueológicas, arquitectónicas, artísticas, etnográficas, linguísticas, literárias em suporte papel, em película,

<sup>64</sup> Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, p. 431 e seguintes.

em fonogramas e em obras publicadas, onde procurou cristalizar o mundo rural do planalto mirandês que se encontrava em vias de extinção.

#### 4. NOTAS FINAIS

As mudanças sociais e culturais dos últimos 60 anos acarretaram o desaparecimento de muitas manifestações rurais coletadas por Mourinho. No entanto, o autor, com o seu projeto cultural de reabilitação de todo o património material e imaterial da Terra de Miranda, conseguiu reativar a coreografia, a música, a língua mirandesa, a literatura oral, o teatro rural, e, sobretudo, conseguiu inculcar nas gerações mais novas, apaixonadamente, um gosto, uma admiração, um orgulho, *uã proua*, para usar uma expressão mirandesa, pelo cultivo das danças e músicas mirandesas e, simultaneamente, pela língua e cultura da Terra de Miranda. Por outro lado, o autor soube, como ninguém, divulgar com mestria, nos meios de comunicação sociais dentro e fora do país, a existência e a originalidade de outra cultura e de uma outra língua diferentes das contíguas culturas e línguas portuguesa e castelhana – a mirandesa.

Foi o maior defensor, estudioso e divulgador da língua e culturas mirandesas, oficializada em 1999, graças ao seu labor de cabouqueiro.